

## A CONCEPTUALIZAÇÃO DE *FAKE NEWS* COMO EVIDÊNCIA DA COGNIÇÃO SOCIAL<sup>1</sup>

### THE CONCEPTUALIZATION OF *FAKE NEWS* AS EVIDENCE OF SOCIAL COGNITION

Rafaely Carolina da Cruz<sup>i</sup>

**Resumo:** O presente trabalho se insere na discussão da compreensão da linguagem humana em sua dimensão individual e social, abordando as bases ontológicas e os aspectos biológicos e sociais da cognição. A Linguística Cognitiva, desde seu advento, posiciona a linguagem como intrinsecamente ligada a outros processos sociocognitivos, como a interação e a perspectivação. Morato (2019a) identifica desafios na pesquisa cognitiva, incluindo a superação do naturalismo, a relação entre linguagem e cognição, e a interdisciplinaridade. Michael Tomasello (2003, 2019) destaca-se nesse campo ao explorar a ontogenia da psicologia humana e sua relação com aspectos sociais e culturais. Diante disso, este artigo tem como objetivo mostrar, a partir dos estudos sociocognitivos, a construção do frame de *fake news* como evidência da cognição social. A pesquisa se concentra em comentários do curso online "Cidadania digital e leitura crítica", disponível no Portal TEC Sala de Aula, oferecido para professores da educação básica entre 2018 e 2021. Estes comentários oferecem uma perspectiva valiosa sobre como a cognição social influencia a compreensão e disseminação do conceito de "*fake news*", indicando que o entendimento desse fenômeno é influenciado pela cooperação, perspectivação e experiências individuais e sociais.

**Palavras-chave:** Cognição Social. Frames. Fake News.

**Abstract:** This present work engages in the discussion of understanding human language in its individual and social dimensions, addressing the ontological and biological as well as social aspects of cognition. Cognitive Linguistics, since its inception, positions language as inherently linked to other sociocognitive processes such as interaction and perspectivation. Morato (2019a) identifies challenges in cognitive research, including overcoming naturalism, the relationship between language and cognition, and interdisciplinary approaches. Michael Tomasello (2003, 2019) stands out in this field by exploring the ontogeny of human psychology and its relation to social and cultural aspects. In light of this, this article aims to demonstrate, based on sociocognitive studies, the construction of the "fake news" frame as evidence of social cognition. The research focuses on comments from the online course "Digital Citizenship and Critical Reading," available on the TEC Classroom Portal, offered to elementary school teachers between 2018 and 2021. These comments provide a valuable perspective on how social cognition influences the understanding and dissemination of the concept of "fake news," indicating that the comprehension of this phenomenon is influenced by cooperation, perspectivation, and individual and social experiences.

**Keywords:** Social Cognition. Frame. Fake News.

### Introdução

Para compreender a linguagem humana de maneira individual e social, ou seja, a maneira como ela se dá dentro de cada indivíduo, sua estrutura, organização e possibilidades

<sup>1</sup> Agradeço à professora Dra. Edwiges Morato pela orientação desta pesquisa, bem como aos professores Dra. Nathália Luiz de Freitas e Dr. Caio César Costa Ribeiro Mira pela leitura e contribuições ao texto. São de minha responsabilidade eventuais desajustes que persistiram.

de atribuição de sentidos, é preciso olhar a ontologia e ampliar a discussão para aspectos biológicos e sociais da nossa cognição. De acordo com Morato (2019a), os estudos acerca da cognição estão explicitamente presentes na linguística a partir do nascimento da Linguística Cognitiva, com a qual a linguagem começa a ser entendida como indissociável dos outros processos sociocognitivos, como a interação, a perspectivação, o compartilhamento de atenção etc.

Devido à complexidade da cognição, Morato (2019a) destaca alguns desafios para o estudo desse objeto, entre eles estão as questões biológica, relacional e interdisciplinar. Respectivamente, esses desafios dizem respeito à superação do naturalismo, isto é, encarar a cognição apenas como um fator biológico; compreender a relação entre linguagem e cognição e, por fim, como os estudos da cognição se relacionam com as demais áreas das ciências. Nesse sentido, as pesquisas que se filiam a essa linha teórica da Linguística Cognitiva preocupam-se com a superação destes desafios.

Nessa perspectiva de interface entre áreas do conhecimento, destacamos as obras de Michael Tomasello, psicólogo que se interessa pela linguagem humana. Na publicação “Origens culturais da aquisição do conhecimento humano” de 2003, o autor afirma que nosso processo de aprendizagem é possível porque cada indivíduo compreende o seu co-específico como ser igual a ele, dotado de uma vida mental e intencional. Em livro mais recente “*Becoming Human: A Theory of Ontogeny*”, publicado em 2019, o autor busca descrever e explicar a ontogenia da psicologia exclusivamente humana usando como ponto de partida a ontogenia dos primatas. Tomasello parte da teoria de Lev Vygotsky, colocando a atividade sociocultural humana dentro da estrutura evolucionária moderna, observando a relação entre as capacidades maturacionais humanas e o contexto sociocultural em que estamos inseridos para compreender o que “nos torna humanos”.

Neste trabalho, pretendemos observar o que Tomasello (2019) chama de “Cognição Social”, como ela é construída, e, a partir disso, estabelecer relações com os processos de conceptualização em torno da expressão “*fake news*”. Acreditamos que os *frames*, entendidos como um modelo de representação e compreensão de sentidos, são um modo de nos ajudar a investigar como os falantes conceptualizam determinados conceitos e os incorporam em suas práticas discursivas, colocando em evidência a cognição social. Assim,

selecionamos como *corpus* de análise comentários da área de interação do curso online “Cidadania digital e leitura Crítica: como analisar informações falsas” em que os cursistas são questionados sobre a definição da expressão “*fake news*”. Portanto, nosso objetivo neste trabalho é analisar as expressões textuais construídas por cursistas para definir a expressão “*fake news*” observando as conceptualizações realizadas por estes estudantes.

Ao estabelecer tal recorte teórico-metodológico, não ignoramos o fato de a literatura do campo ser vasta para compreender a Cognição, os *Frames*, as *Fake News* e todos os aspectos sociocognitivos que a interação entre falantes possui. Pelo contrário, nos fundamentamos em autores como Fillmore (1982), Tomasello (2003, 2019), Lakoff (2004), Vereza (2016), Morato (2010), Bentes (2018), entre outros, para estabelecer um diálogo dentro da Linguística Cognitiva que contemple o caráter sociocognitivo e linguístico das *fake news* em um universo específico, que é o ambiente de interação de curso online. Isso porque acreditamos que a cooperação e a perspectivização são elementos integrantes da cognição social e estão presentes quando os cursistas interagem, mesmo que de forma assíncrona, no espaço de comentários para construir uma definição para as *fake news*, sobretudo porque os comentários que constituem o nosso *corpus* são provenientes de professores e educadores que estão em busca de aperfeiçoamento e domínio de tecnologias e dos fenômenos que as circundam.

## 1 A cognição social e a construção do *frame* de *fake news*

Buscando na literatura como a cognição é tratada, trouxemos o que Vereza (2016, p. 563) afirma que

a cognição é normalmente abordada, em seu sentido dicionarizado (Dicionário Houaiss), como “ato ou efeito de conhecer; processo ou faculdade de adquirir um conhecimento”. No Dicionário Informal, a definição é similar: “Ato ou processo de conhecer, inclui estados mentais e processos como pensar, a atenção, o raciocínio, a memória, o juízo, a imaginação, o pensamento, o discurso, a percepção visual e audível, a aprendizagem, a consciência, as emoções.”

O que essas definições têm em comum é o fato de a cognição ser vista essencialmente como um processo de aquisição de conhecimento ou de raciocínio, haja vista a menção à memória, à atenção, à imaginação, etc. Sendo assim, a cognição é normalmente associada aos processos envolvidos na aquisição de conhecimento, o que parece pressupor um

esquema imagético de “contêiner” para se entender a mente. Nesse prisma, a cognição passaria a ser abordada como os meios de se levar conhecimento a este contêiner.

Embora muitas vezes a cognição seja vista como uma espécie de “contêiner”, Vereza diz que ela está relacionada aos “meios de se levar conhecimento”. Nesse sentido, existem diversos processos que envolvem a aprendizagem e muitos deles só são possíveis a partir da interação social em que o indivíduo se encontra.

Tomasello (2003) enfatiza características da cognição humana como, por exemplo, a capacidade de perspectivação, percepção, memória, atenção, categorização e tudo isso é possível a partir da habilidade de reconhecer o outro como co-específico. Já em 2019, ao abordar os aspectos que fazem com que a nossa espécie “se torne humana”, o autor faz um percurso ontogenético em que ganham destaque a cultura e nossas capacidades sociocognitivas. Nesse trajeto o autor aponta que a cognição social, a comunicação, a aprendizagem cultural, o pensamento cooperativo, a colaboração, a pró-sociabilidade, as normas sociais e a identidade moral são características fundamentais da cognição humana. Assim, ao retomar a teoria vigotskiana, o autor realça o aspecto sociocultural da nossa cognição. Para ele, a atenção conjunta e o *common ground*, características da nossa cognição social, favorecem o processo de aprendizagem e a construção de conceitos.

A atenção conjunta e o *common ground*, tanto pessoal quanto cultural, constituem a infraestrutura intersubjetiva necessária para muitas outras atividades exclusivamente humanas. A atenção conjunta permite que os indivíduos coordenem suas atividades colaborativas em andamento; o *common ground* pessoal permite uma comunicação eficaz e eficiente; e o *common ground* cultural é a base para as práticas culturais convencionais baseadas na intencionalidade coletiva. Esses engajamentos intersubjetivos também preparam o cenário, como veremos em breve, para as tentativas das crianças pequenas de se coordenarem com a perspectiva dos outros de várias maneiras (TOMASELLO, 2019, p. 62, tradução nossa).<sup>2</sup>

<sup>2</sup>“Joint attention and common ground, both personal and cultural, constitute the necessary intersubjective infrastructure for many other uniquely human activities. Joint attention enables individuals to coordinate their ongoing collaborative activities; personal common ground enables effective and efficient communication; and cultural common ground is the basis for conventional cultural practices based on collective intentionality. These intersubjective engagements also set the stage, as we will soon see, for young children’s attempts to coordinate with the perspective of others in various ways” (TOMASELLO, 2019, p. 62).

Desse modo, é a partir da atenção conjunta que existe a coordenação e perspectivização que contribuem para nossa construção de conceitos. A respeito da conceptualização, Gallese e Lakoff (2005) argumentam sobre a “cognição corporificada”; de modo resumido, os autores acreditam que o sistema sensorio-motor propicia uma estrutura para a fundamentação dos conceitos e, dessa forma, o substrato neural que utilizamos para imaginar é o mesmo utilizado para compreender. Portanto, para os autores, “entender” é “imaginar”, quando conceptualizamos também imaginamos, então a cognição corporificada depende de nossa estrutura fisiológica, mas também da nossa relação/interação com o mundo social<sup>3</sup>.

Diante disso, é inevitável associar os processos de aprendizagem à atividade mental, conseqüentemente, a cognição tem papel primordial para o desenvolvimento de conceitos e o processo de aprendizagem, mas ela por si só não é responsável por todo o processo. A natureza social da espécie humana favorece a aprendizagem, conforme afirma Barros (2018, p. 31): “as coisas não possuem significado em si próprias; o sentido é construído, por meio da cognição, durante as interações dos indivíduos com o mundo e com a sociedade em que se inserem”. A autora ainda complementa:

Para Fauconnier (1997), a construção de sentido diz respeito a complexas operações mentais de alto nível realizadas dentro de domínios cognitivos (modelos conceptuais e espaços mentais), que se associam para configurar pensamento, ação e comunicação. Assim, toda conceptualização inclui um conhecimento prévio de mundo, baseado na experiência, diferentes tipos de raciocínio, construção on-line de significado e negociação de sentido (BARROS, 2018, p. 31).

Nesse sentido, a construção dos conceitos é baseada em diferentes fatores, por isso, damos ênfase ao trabalho de Tomasello (2019) que atribui à “cognição social” um papel importante no desenvolvimento humano ao considerar as relações sociais na conceptualização, também destacamos o trabalho de Morato (2010) que comenta sobre a diversidade de modelos teóricos que tentam explicar a maneira que construímos conhecimento. Para a autora:

<sup>3</sup> A respeito disso, Tomasello (2019) aponta que os grandes macacos, apesar de serem capazes de “imaginar” não distinguem uma perspectiva objetiva de uma subjetiva.

vários são os modelos ou construtos teóricos que têm sido formulados para dar conta, teórica e empiricamente, da forma pela qual os indivíduos constroem (compartilham, modificam, organizam, regulam, representam, justificam, reconhecem) a experiência de conhecimento de mundo: *contexto, prática, sistemas de referência, enquadre, esquema, conhecimento prévio, situação social, script, moldura comunicativa*. (MORATO, 2010, p. 94, grifos da autora).

De acordo com a autora, esses termos são semelhantes, mas não são e nem tratam da mesma coisa. Para exemplificar esse argumento, ela cita as definições de outros autores.

Script (cf. Schank e Abelson 1977), por exemplo, tem sido definido como uma “cadeia de inferência pré-organizada de uma situação específica”; o termo moldura (moldura comunicativa), por sua vez, pode ser entendido a partir do sentido que Fillmore (1982) dá a *frame*, isto é, esquemas de conhecimento ou padrões prototípicos e estereotípicos, ou ainda hipóteses feitas pelos indivíduos a respeito do mundo ou estados de coisa no mundo (Garcez e Ribeiro, 1987:140). Enquadre, por sua vez, não diz respeito apenas a um conhecimento estruturado em termos linguísticos e conceituais, e sim ao enquadramento social dos falantes na interação e aos regimes e práticas sociais que a qualificam, de acordo com Goffman (1974) ou Tannen e Wallat (1998) (MORATO, 2010, p. 94).

Como vimos, existem diferentes termos que tentam explicar a noção de construção de conhecimento, no campo da Linguística Cognitiva, os *frames* ocupam um lugar de destaque. De acordo com Fillmore (1982):

By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such a structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available. (FILLMORE, 1982, p. 111)<sup>4</sup>.

Na tentativa de compreender a definição de Fillmore e estabelecer relação com o modo que a cognição humana trata o conhecimento, Barros comenta que:

<sup>4</sup> Tradução desse trecho apresentada por Barros (2018): “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que para entender qualquer um deles, você tem que entender toda a estrutura na qual ele se encaixa; quando uma coisa em tal estrutura é introduzida em um texto, ou em uma conversa, todas as outras são automaticamente disponibilizadas” (p. 35).

o sistema cognitivo funciona da seguinte maneira: diferentes *frames* são criados e armazenados na mente humana com base nas experiências tanto individuais quanto coletivas (influenciadas pelo contexto sociocultural) e, à medida que a conceptualização se faz necessária, vários desses enquadres são acessados e associados automaticamente para que o sentido seja construído. (BARROS, 2018, p. 35).

Portanto, se a aprendizagem humana envolve a cognição e a relação do indivíduo com o meio em que ele vive, os *frames* podem ser considerados uma categoria que nos ajuda a compreender a cognição social apresentada por Tomasello (2019). Lakoff (2004) define os *frames* da seguinte forma:

Frames são estruturas mentais que moldam a maneira como vemos o mundo. Como resultado, eles moldam os objetivos que buscamos, os planos que fazemos, a maneira como agimos e o que conta como um resultado bom ou ruim de nossas ações. Na política, os frames moldam as nossas políticas sociais e as instituições que formamos para executá-las. Mudar nossos frames é mudar tudo isso. Reframing é uma mudança social. Você não pode ver ou ouvir frames. Eles fazem parte do que os cientistas cognitivos chamam de estruturas "inconscientes cognitivas" em nossos cérebros que não podemos acessar conscientemente, mas sabemos por suas consequências: a maneira como raciocinamos e o que conta como senso comum. Também conhecemos frames através da linguagem. Todas as palavras são definidas em relação aos frames conceituais. Quando você ouve uma palavra, seu frame (ou conjunto de frames) é ativado em seu cérebro. (LAKOFF, 2004, p. XV, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Assim sendo, podemos dizer que os *frames* representam a maneira como vemos o mundo e, por conseguinte, a maneira que apreendermos as coisas. É a partir dessa “estrutura mental” que nossa sociedade é organizada e conseguimos conviver socialmente através dessa estrutura que é representada pela linguagem humana. Ou seja, o modo como nós aprendemos

---

<sup>5</sup> Original no inglês: “Frames are mental structures that shape the way we see the world. As a result, they shape the goals we seek, the plans we make, the way we act, and what counts as a good or bad outcome of our actions. In politics our frames shape our social policies and the institutions we form to carry out policies. To change our frames is to change all of this. Reframing is social change. You can't see or hear frames. They are part of what cognitive scientists call the "cognitive unconscious" - structures in our brains that we cannot consciously access, but know by their consequences: the way we reason and what counts as common sense. We also know frames through language. All words are defined relative to conceptual frames. When you hear a word, its frame (or collection of frames) is activated in your brain”. (Lakoff, 2004, p. XV).

e vivemos no mundo é resultado do “enquadre” que determinada situação apresenta, e essa apresentação é feita por meio da linguagem.

Morato e Bentes (2010) apresentam de maneira pontual uma retrospectiva da literatura acerca dos *frames*.

Segundo Fillmore (1985), lembremos, *frames* são modelos semânticos de representação da compreensão do sentido. Tais modelos podem ser considerados, em sua perspectiva, “ferramentas” com as quais organizamos os sentidos ativados e construídos nos processos contextualizados de produção e interpretação.

Também na linhagem de cunho cognitivo, Lakoff (2004) assinala, por sua vez, que os *frames* “moldam” a maneira como concebemos pragmaticamente o mundo, enquanto van Dijk (1992) utiliza a noção no estudo do processamento do discurso, relacionando-a principalmente com os modelos estratégicos de modelagem, armazenamento e ativação seletiva da memória.

Aprofundando um pouco mais os aspectos pragmáticos e interacionais da noção, Gumperz (1982) assinala, com muita propriedade, que *frames* são conceitos relacionais e não mera sequência de eventos. Além disso, são altamente dependentes do contexto. Essa posição também pode ser encontrada no coração dos trabalhos de Goffman (1974) e de Tannen e Wallat (1985). (MORATO E BENTES, 2013, p. 128).

Nesse sentido, a perspectiva da Linguística Cognitiva para analisar o modo que os indivíduos interagem e constroem experiências de conhecimento no mundo tem sido relevante, uma vez que considera os aspectos cognitivos e sociais da espécie humana. Morato (2010, p. 95) afirma que no terreno da Linguística Cognitiva as estruturas responsáveis por organizar nosso conhecimento e criar categorias é chamada por Lakoff de “Modelos Cognitivos Idealizados” (MCIs) e que “são estruturas conceituais de ordem sócio-cognitiva que permitem a aquisição e o desenvolvimento do conhecimento humano” (p. 95). A respeito disso, Barros (2018) sumariza:

Em resumo, Modelos Cognitivos Idealizados podem ser concebidos como “conhecimentos, produzidos socialmente e disponibilizados culturalmente, que representam um papel relevante para a cognição humana: viabilizam o gerenciamento e o uso do amplo conjunto de experiências adquiridas no dia a dia, durante toda a nossa vida” (Duque & Costa, 2012, p. 76). Esses modelos, possibilitados pela combinação de variados *frames*, auxiliam, portanto, a cognição humana na construção de sentidos e até mesmo na conceptualização de experiências inéditas. (BARROS, 2018, p. 38).

O que vimos até agora é que os *frames* são “Operações mentais básicas [que] operam sobre um conjunto cultural e pessoal de conhecimentos” (TURNER, 2001, p.12, *apud* VEREZA, 2016, p. 562), portanto, eles estão estritamente relacionados à cognição e a todas as estruturas internas que ela mobiliza, mas também, por serem construídos socialmente, eles dependem da relação com o outro. Isto é, eles evidenciam a existência da nossa cognição social uma vez que são o conjunto de conhecimentos que foram mobilizados pelo aparato cognitivo, compartilhados socialmente e evocados a partir da língua que esses indivíduos compartilham.

Diante disso, temos diferentes exemplos de expressões linguísticas que constituem *frames*, como o *frame* de “mãe” citado por Lakoff (1987), o de “vegetariano” de Fillmore (1976), de “corrupção” por Ferrari (2018) e “racismo” por Parintins Lima (2019). No mesmo sentido, esperamos apresentar no presente trabalho elementos indicadores da construção do *frame* “*fake news*” como evidência da cognição social. Para isso precisamos antes compreender essa expressão linguística e quais outros *frames* podem estar associados a ela.

Em tradução livre “*fake news*” são “notícias falsas”, portanto, para compreender esse termo precisamos saber o que são “notícias” e como elas são ancoradas socialmente. Além disso, é necessário entender o que é o adjetivo “falso” e como ele está associado a outros conceitos, como a concepção de verdade e mentira.

Primeiro, vamos apresentar o que é “notícia”. Podemos dizer que a notícia é um gênero textual<sup>6</sup>, pois é um texto que possui uma estrutura composicional pensada no meio em que circula e em leitores que a receberão. A definição dicionarizada do termo é

De acordo com o dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), esse termo possui as seguintes definições: 1) ‘informação a respeito de acontecimento ou mudança recentes, nova, novidade’; 2) ‘conhecimento do paradeiro ou da situação (de alguém)’; e 3) ‘relato de fatos e acontecimentos veiculado em jornal, televisão, revista etc.’ ou 4) ‘o assunto focalizado nesse relato’.”. (BARROS, 2018, p. 40).

<sup>6</sup> Para maior discussão a respeito de gêneros textuais, suporte e função indicamos Marcuschi (2008) e Koch, (2015).

A partir dessas definições de notícia, é importante destacarmos os termos “informação” e “relato de fatos”, pois eles nos conduzem ao pensamento de que a notícia possui um caráter de “verdade”, afinal, elas relatam fatos, acontecimentos e são veiculadas em um suporte como jornal, televisão que possuem um prestígio social. Conforme destaca Barros (2018),

Com base nessas definições, logo de início, é possível afirmar que um dos principais *frames* evocados em se tratando de notícia é o de verdade. Isso ocorre possivelmente porque, tradicionalmente, esse gênero se estabeleceu com base na necessidade de se informar sobre importantes acontecimentos sociais. Na medida em que surgiram veículos de informação diversos e a notícia passou a ser tida como um produto (TRAQUINA, 2005), instaurou-se um esquema de concorrência e, nesse cenário, a credibilidade se mostrava um fator fundamental para a decisão final do público consumidor. Dessa forma, os veículos passaram a se ocupar ainda mais da checagem dos fatos e do acesso a fontes confiáveis, a fim de não arriscar perder a confiança do público pela divulgação de notícias falsas. Desde então, com o passar dos anos, o *frame* de verdade foi se instaurando no sistema cognitivo dos indivíduos, que, baseados em sua experiência, têm a expectativa de receberem informações verídicas a partir de um texto noticioso. Portanto, um dos aspectos da notícia prototípica é, com base na tradição sociocognitiva e discursiva, ser verdadeira (BARROS, 2018, p. 40).

Mas se “notícia” está atrelada à noção de verdade, como é possível existir o termo “*fake news*”? Barros (2018) argumenta que as mudanças do gênero notícia, baseados em novos meios de comunicação, informação e transformação do texto noticioso como produto lucrativo favoreceram mudanças no gênero e, conseqüentemente, permitiram que notícias falsas emergissem nesse contexto.

A descentralização da Internet e a possibilidade de qualquer pessoa com acesso à rede criar e disponibilizar seu próprio conteúdo para milhões de pessoas, conforme problematizou Tagg (2015), permitiu o surgimento de uma leva de notícias de veracidade questionável, uma vez que, além de não precisarem se identificar, os autores no ambiente on-line não têm suas produções revisadas ou reguladas por fatores externos; não é requerido profissionalização nem, necessariamente, compromisso com a verdade (BARROS, 2018, p. 59).

Sendo assim, o advento da internet favoreceu novos meios de produção de informação, como resultado, contribuiu também para a disseminação de informações falsas,

informações que não foram checadas. Concordamos com a justificativa apresentada por Barros (2018), para a grande quantidade de *fake news* que surgiram nos últimos tempos, porém gostaríamos de acrescentar que quando colocamos “notícia” e “informação” no mesmo patamar, tal qual foi dada na definição do dicionário, é possível que associemos os *frames* dessas expressões. Embora “notícia” não possua descrição no FrameNet Brasil<sup>7</sup>, encontramos a definição de informação<sup>8</sup>:

Quadro 1: definição do *frame* de informação

**Definição**

Um **Pensador** sabe ou saberá sobre informações a respeito de um **Tópico**. Neste frame, muitas ULs codificam um específico **Meio de coleta** e/ou uma **Fonte**, mas elas também podem ser expressadas separadamente.

**Fonte:** FrameNet Brasil

A partir da definição do *frame*, podemos ver que diz respeito a “um pensador” que sabe algo ou uma informação sobre um tópico. Nessa perspectiva, qualquer um pode ser o “pensador” e qualquer tipo de conteúdo pode vir a ser um tópico. Por isso, acreditamos que o gênero notícia como portador de informações também favorece, de forma paralela ou associativa à internet (espaço de fácil acesso em que qualquer um pode vir a ser um informador), o surgimento de informação falsa e por consequência de “*fake news*”.

Desse modo, relacionado ao termo notícia, o adjetivo “falsa” caracteriza a notícia como mentirosa, desprovida de verdade. Podemos concluir que notícias falsas também pertencem ao gênero notícia que, conforme dito, sofreu atualizações ao longo do tempo por conta do advento da internet. Bentes (2018) comenta sobre a emergência das *fake news* em entrevista dada à “Revista do Instituto Humanitas Unisinos”.

No caso das *fake news*, os contextos parecem ser o de 1) polarização de visões de mundo; 2) guerra híbrida e 3) possibilidade de disseminação rápida, via grandes plataformas (Facebook, Twitter, Whatts app, Google) de assuntos considerados urgentes, sensacionais e/ou de grande interesse (especialmente político, cultural, econômico, científico etc.) (BENTES, 2018).

<sup>7</sup> FrameNet Brasil é um laboratório de Linguística Computacional sediado na Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>8</sup> A definição apresentada neste trabalho segue a mesma formatação da página FrameNet.

Além de acreditar nesses três contextos que favorecem as *fake news*, Bentes (2018) também destaca que o leitor é a parte mais fraca da cadeia das *fake news*, pois é ele quem dissemina as informações, mesmo que muitas vezes sem o conhecimento de que elas são falsas, o leitor empodera-se com a possibilidade de divulgar e perpetuar informações, as quais, em geral, ele concorda, e, por isso, faz questão de divulgar.

A sensação de empoderamento experimentada pelos usuários quando percebem que podem ser uma fonte relevante de informação e que, conseqüentemente, podem adquirir algum prestígio social em função disso, leva todos a tentarem se mostrar “informados”, sabendo da “última” notícia e divulgando, “em primeira mão”, para os seus familiares, amigos e conhecidos do mundo virtual. Nesse sentido, os usuários pensam estar colaborando com a disseminação de informação socialmente relevante e não com a desinformação estritamente orientada para certos fins, mais frequentemente, fins políticos. Lidar com essa boa-fé das pessoas é tarefa para experts. Os textos devem ser encarados, então, de uma forma geral, como construtos que resultam de trabalho sobre recursos linguísticos, textuais e discursivos específicos. (BENTES, 2018).

Segundo Bentes, é importante observarmos os recursos textuais, linguísticos e discursivos das notícias, especialmente das notícias falsas que na maioria das vezes são produzidas intencionalmente. Esse aspecto “intencional” das *fake news* também é observado nas definições dicionarizadas da expressão. De acordo com o *Merriam-Webster*, *fake news* são “notícias que são intencionalmente falsas ou enganosas”<sup>9</sup>, para o dicionário Collins a definição é “informações falsas, muitas vezes sensacionalistas, disseminadas sob o disfarce de reportagens”<sup>10</sup>.

A partir dessas definições, podemos concluir que as *fake news* podem ser traduzidas como informações falsas, porém, apenas essa definição é simplista, tendo em vista todo o aparato social e cognitivo que a expressão envolve. É importante dizer também que apesar do termo parecer novo, especialmente depois de ser tão repetido no ano de 2016 nas eleições norte-americanas e eleita a palavra do ano de 2017 pelo dicionário Collins, de acordo com o site “Merriam-Webster”, a expressão existe desde o final do século XIX e é utilizada frequentemente para descrever uma história política.

<sup>9</sup> Original em inglês: “News reports that are intentionally false or misleading”.

<sup>10</sup> Original em inglês: “false, often sensational, information disseminated under the guise of news reporting”.

Recentemente, em 2019, a Associação Brasileira de Linguística (Abralin) promoveu o evento “14º Abralin em Cena: *Fake News* e Linguagem”, em que diversos pesquisadores puderam se reunir e discutir sobre a expressão, sua ancoragem no mundo e seus efeitos. Neste evento, Morato abordou questões relativas à construção textual das *fake news* e a relação entre mentira, *fake news* e confabulação. De acordo com a autora,

**Todos esses três fenômenos – mentira, fakenews e confabulação** - envolvem a relação entre linguagem e exterior discursivo, são performáticos e *relacionais* - se produzem em relação a alguém e na relação com alguém. Enquanto práticas de linguagem instituem-se a partir de uma certa ordem discursiva que disciplina e coloca em disputa questões ético-filosóficas e socioculturais, como a noção de verdade, e regula as práticas da vida em sociedade. **Chamam a atenção para um traço característico da cognição humana, que é cooperar e reconhecer e compartilhar intenções, sobretudo intenções coletivizadas** (TOMASELLO, 2014). Envolvem, além disso, um tipo de reflexividade construída em meio à expansão de estruturas e tecnologias de comunicação, à exposição aos outros e à relativização de práticas socioculturais mais estabilizadas (ADAMS, 2006). (MORATO, 2019b, grifos nossos).

Diante das perspectivas teóricas apresentadas sobre a cognição social, os *frames*, o gênero notícia e as *fake news*, podemos concluir que as relações sociais colaboram com as criações de *frames* e estes por sua vez auxiliam no entendimento do mundo. Sendo assim, as *fake news* são uma construção feita a partir do gênero notícia, pois possuem uma estrutura semelhante, porém, não são fiéis ao conceito de verdade e, na maioria das vezes, são produzidas de forma intencional. Além disso, podemos dizer que elas são promovidas virtualmente por leitores que empoderam-se da informação e a disseminam sem a responsabilidade do contexto jornalístico de verificar a veracidade dos fatos.

Portanto, temos que *fake news* são notícias de conteúdo falso, veiculados em diferentes esferas da internet, tais como sites e aplicativos de comunicação. Embora sua criação seja, na maioria das vezes, feita intencionalmente, nem sempre a disseminação é feita da mesma forma, pois o leitor ao estar munido da informação não a verifica. Ainda assim, pela possibilidade de serem criadas intencionalmente, a disseminação também pode ser feita por *bots* e a fabricação de *fake news* transformou-se numa indústria.

Munidos dessas reflexões teóricas sobre como as *fake news* constituem um *frame* e sobre como isso evidencia nossa cognição social, seguimos agora para as concepções de *fake news* dadas por professores e educadores participantes do curso online de curta duração “Cidadania digital e leitura Crítica: como analisar informações falsas”.

## 2 Apresentação do *corpus* e análises

Os dados a serem analisados nesta seção são provenientes, como já foi dito, do curso online “Cidadania digital e leitura crítica: como analisar informações falsas” disponível no portal TEC Sala de Aula. Ele é composto por quinze aulas, sendo que cada uma delas possui pelo menos quatro unidades. Nosso recorte foi feito na quarta aula intitulada “O que são *Fake News*”, na segunda unidade chamada de “Aquecimento”. Nesta unidade é apresentado um comentário do professor Renato Oliveira em que ele diz: “É importante estarmos sempre atentos às singularidades que a internet e a contemporaneidade trouxeram para os boatos, eles sempre existiram, mas a ideia de *Fake News* surge como um lugar novo, o modo novo em que esses boatos se apresentam”. Logo abaixo desse comentário, há o campo “Para comentar” em que é solicitado que os cursistas respondam às seguintes perguntas: “1. De acordo com seu comentário, qual a definição da expressão ‘*fake news*’ para Renato?” e “2. E para você? Tente definir o que são ‘*fake news*’ com suas palavras.”. A partir das respostas dadas pelos cursistas, especialmente para a segunda questão, construímos o nosso *corpus* de análise que conta com quarenta comentários ao todo.

É relevante dizer que o curso é realizado integralmente online e de maneira assíncrona, isto é, cada cursista pode participar da aula em qualquer momento e os comentários deixados em cada aula nem sempre são respondidos em tempo real. Outro fator que merece destaque é que para a composição do *corpus* recorreremos à seção de comentários da mesma aula, porém feita em diferentes turmas. Ou seja, o compilado que será apresentado a seguir é referente ao mesmo curso, porém são comentários resultantes de quatro turmas que o realizaram entre o segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2020.

Para constituir nosso *corpus*, observamos as construções textuais que continham definições para *fake news*, a partir disso, organizamos os 40 comentários em 16 categorias,

apresentamos a seguir cada categoria e entre parênteses o número de comentários que pertencem a ela. “notícia falsa” (12); “boato” (8); “informação falsa” (4); “mentira” (2); “formas não verdadeiras de se falar sobre algo” (2); “forma pensada de espalhar boato” (2); “mais do que boato” (1); “novo mundo para boatos” (1); “fato inverídico” (1); “algo mais perverso” (1); “mensagem instigante” (1); “informação tendenciosa” (1); “publicidade de mentira” (1); “criação deliberada” (1); “coisa que sempre existiu” (1); “novo formato para fofoca” (1). Estas definições são uma tentativa didática de organizar os comentários dentro de categorias, mas por serem construções discursivas, muitas vezes não se restringem a apenas essas categorias. Entendemos que semanticamente algumas definições que foram apresentadas em categorias diferentes estão relacionadas, como por exemplo, “boato”, “mais que boatos” e “novo mundo para boatos”. Apesar de acreditarmos nessa relação, consideramos como definições diferentes por conta da maneira como foram textualmente construídas.

Por conta do limite de páginas deste trabalho, trouxemos para análise apenas três categorias com mais comentários, ainda assim, nos limitamos a escolher apenas um comentário de cada uma delas.

Vemos a cognição social como o reconhecimento do outro por processos perspectivais, intersubjetivos e de compartilhamento de atenção, dessa forma, para nossas análises consideramos o que Tomasello diz sobre a comunicação linguística.

A comunicação linguística convencional é perspectival como um todo. Palavras incorporam perspectivas sobre as coisas. Este animal na minha frente pode ser um cachorro, um animal, um animal de estimação ou uma praga, dependendo de como eu decido construí-lo para meu ouvinte no contexto atual. Esta ação diante de mim pode ser correr, fugir, perseguir ou caçar, novamente dependendo de como eu decido construí-la no contexto comunicativo. As construções gramaticais também são uma perspectiva. (TOMASELLO, 2019, p. 66, tradução nossa)<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> Original em inglês: “Conventional linguistic communication is perspective all the way down. Words embody perspectives on things. This animal in front of me may be a *dog*, an *animal*, a *pet*, or *pest*, depending on how I choose to build it for my listener in the current context. This action in front of me may be *running*, *fleeing*, *chasing*, or *hunting*, again depending on how I choose to build it in the communicative context. Grammatical constructions are also perspective”.

Portanto, fundamentados nessa concepção de perspectivação, observamos as construções textuais dos comentários com vistas a mostrar como as conceptualizações acerca da expressão “*fake news*” são vistas pelos cursistas, evidenciando aspectos da cognição social.

### Notícias falsas

“Fake News, ou seja, notícias falsas, notícias que não apresentam fatos verídicos e íntegros ao ocorrido, uma lorota.”

A definição de *fake news* pela expressão “notícias falsas” já era esperada por ser a tradução livre do termo. Como dito anteriormente os *frames* são construídos por meio da linguagem e a partir da experiência social do falante, isto é, eles manifestam aspectos da cognição social. Nesse sentido, é esperado que traduções literais possam ser incorporadas pelos usuários da língua.

Esse comentário nos chama atenção por dois motivos, o primeiro deles é o da argumentatividade do cursista de deixar claro que as *fake news* “não apresentam fatos verídicos e íntegros ao ocorrido”, isto é, elas rompem com o *frame* de notícia. O outro aspecto que merece destaque neste dado é que a expressão *fake news* é recategorizada como “lorota”, que de acordo com o dicionário online Michaelis corresponde a “conversa fiada”, “história mal contada” e “qualquer dito com intuito de enganar; lorotagem”. Sendo assim, poderíamos dizer que para este cursista o *frame* de *fake news* é associado a fatos não verdadeiros e a intenção de enganar.

### Boato

“Para Renato, autor do post acima, a definição da expressão ‘fake news’ é BOATO. Para mim, fake news, são boatos, assim como o autor do post, criados com um objetivo específico e com um agravante de estar assentada numa ferramenta que é como uma metralhadora que pode atingir a todos que dela façam parte. Quem cria, usa do conhecimento do estudo das redes para criar influenciadores (nós) e fazer um boato viralizar em questão de minutos.”

A definição dada no comentário acima também era esperada em grande quantidade, pois, como foi dito anteriormente, na instrução da aula foi apresentado aos cursistas um

comentário do professor Renato que chamava as *fake news* de boatos, portanto, era esperado que os cursistas se espelhassem nessa definição.

De acordo com o dicionário Michaelis o verbete “boato” possui duas definições a de “notícia anônima, geralmente maledicente, que se divulga a respeito de alguém ou de algum acontecimento, sem confirmação” e a de “notícia ou acontecimento muito divulgado”, nota-se que nas duas definições aparecem o termo “notícia”, por um lado associada a “sem confirmação” e por outro à divulgação. A respeito disso, esse comentário do cursista evidencia o modo de viralização das *fake news* pela internet, fazendo uma comparação com “uma metralhadora que pode atingir a todos que dela façam parte”, ou seja, a internet pode atingir muitos alvos e provocar grandes danos quando veicula notícias falsas, tal como vimos em Bentes (2018) e Barros (2018).

O próximo *frame* ativado sobre as *fake news* também está ancorado na discussão teórica que apresentamos anteriormente, visto que trata *fake news* como “informação falsa”.

### Informação Falsa

“Renato apresenta a definição de fake news como um lugar novo no universo dos boatos, que sempre existiram, mas que agora ganham outros significados com a internet e a contemporaneidade. Já para mim, as fake news são informações intencionalmente falsas, compartilhadas como se fossem verdadeiras, com rápida circulação e potencial viral, sobretudo por meio das redes sociais.”

Conforme vimos, o *frame* de informação também pode aparecer ancorado na discussão sobre *fake news*. Nesse comentário em específico, o autor mostra que essas informações são “compartilhadas como se fossem verdadeiras”, ou seja, o *frame* de informação neste caso está ligado à noção de verdade. Além disso, o comentário dá ênfase para o fato de *fake news* serem “intencionalmente falsas”, o que também remete à discussão feita por Bentes (2018). Por fim, o comentário está alinhado com a autora quando explicita a característica de “rápida circulação e potencial viral, sobretudo por meio das redes sociais”, ou seja, assim como um vírus que pode provocar danos severos a uma população inteira ou mesmo a um sistema (se considerarmos um vírus computacional), as *fake news* possuem um caráter maléfico que pode causar sérios prejuízos, especialmente quando o indivíduo

empodera-se da informação criada intencionalmente por um outro e a repassa sem checar a veracidade.

Diante dos três comentários acima, podemos perceber que o que é definidor na percepção dos cursistas sobre a expressão *fake news* é de que ela é uma notícia que contém informações intencionalmente falsas que possuem um caráter de disseminação muito alto que pode provocar diversos danos. Acreditamos que essa definição está ancorada no que Tomasello (2019) fala sobre a cognição social dos humanos.

E assim temos o mais básico enquadramento estrutural da cognição exclusivamente humana: **realidades socialmente compartilhadas e a capacidade de manipular e coordenar com flexibilidade diferentes perspectivas sobre aspectos dessas realidades compartilhadas (coordenação mental)**. [...] Isso cria a possibilidade de novos tipos de conceitos — incluindo aqueles que dependem de uma perspectiva objetiva — para compreender não apenas coisas sociais como crenças falsas e aspecto linguístico, mas também coisas não sociais como as relações entre diferentes conceitos em uma hierarquia (TOMASELLO, 2019, p. 90, tradução e grifos nossos)<sup>12</sup>.

Dessa forma, entendemos que a cognição social é construída tanto pelo aparato fisiológico dos humanos, quanto pelas perspectivações feitas dentro da comunidade social. Isto significa dizer que a nossa construção de conceitos depende da nossa cognição social que nos faz coordenar diferentes perspectivas, além de ser constituída por uma estrutura sensório-motora e também por relações estabelecidas no convívio social, tal como postula Tomasello (2019) ao propor uma teoria “neo-vigostkiana” para compreender a ontogenia da espécie humana.

<sup>12</sup> Original em inglês: “And so we have the most basic structural framework of uniquely human cognition: socially shared realities and the ability to flexibly manipulate and coordinate different perspectives on aspects of those shared realities (mental coordination). [...] This creates the possibility of new kinds of concepts — including those that depend on an objective perspective — for understanding not only such social things as false beliefs and linguistic aspectuality, but also such nonsocial things as the relations between different concepts in a hierarchy”.

## Conclusão

O percurso que fizemos foi uma tentativa de mostrar como os nossos dados corroboram para a construção do *frame* de *fake news* evidenciando aspectos cognitivos, mais especificamente a cognição social que Tomasello discute na obra de 2019. Assim, vimos que a cognição, tal como Salomão (2010) comenta é um “oceano de motivações”, de acordo com Morato (2019a) essa metáfora quer dizer “que são muitos os fatores e processos que ‘constituem a cognição (inclusive a cognição linguística): a evolução biológica, o conjunto de processos cognitivos, a cultura, a cooperação social, a nossa capacidade de reconhecer e compartilhar intenções’” (p. 45). Dentro desses fatores, elencamos os *frames* como ferramenta de análise da expressão “*fake news*” e como elemento indicador da cognição social, pois acreditamos que eles nos auxiliam na compreensão de conceitos criados por uma comunidade de falantes. De acordo com Barros:

Estes [os *frames*] seriam responsáveis por permitir ao indivíduo, com base em sua experiência de mundo, criar sentidos a partir das cenas que conceptualiza. A mente, assim, trabalharia de maneira a associar diferentes sistemas de conceitos para que, inter-relacionados, eles possam vir a colaborar para a compreensão das diversas situações discursivas em que o sujeito conceptualizador se encontra (BARROS, 2018, p. 34).

Sendo assim, os *frames* construídos para *fake news* foram importantes para verificarmos como os cursistas atribuem sentido à expressão baseados em suas experiências de mundo e a sua relação com o outro. No caso do nosso *corpus* é válido lembrar que os cursistas são professores e educadores e por ocuparem essa função a opinião deles possui certo prestígio social e contribuem com a formação de outras pessoas.

Os resultados que obtivemos da construção do *frame* de *fake news* evidenciam o caráter relacional e cognitivo que esse modelo possui, pois pudemos ver como o conceito foi criado com base nas experiências de cada cursista, mas também a partir da definição dada por outro professor e da relação entre os cursistas no espaço de comentários, ou seja, por meio da cooperação e perspectivação. Além disso, percebemos que as definições dadas também estão postas em relação com outros conceitos e conhecimentos já incorporados pelos participantes, ou seja, pela cognição individual que se torna social, pois à medida que

nos envolvemos no pensamento cooperativo, nosso pensamento individual se torna socializado ou inculturado. Assim, “Envolver-se com outras pessoas em atos de comunicação cooperativa com o objetivo de alinhar perspectivas leva as crianças a criarem representações cognitivas em perspectiva. Também os leva a começar a se envolver em inferências recursivas e reflexivas” (TOMASELLO, 2019, p. 132, tradução nossa)<sup>13</sup>.

O que pudemos observar a partir de nossas análises é que o *frame* de *fake news* construído com base na interação dos cursistas envolve a estrutura do gênero notícia por conter informações, mas é acompanhado da falta de verdade, da mentira, do boato e é disseminado pelos leitores por meio da internet, especialmente por redes sociais. Além disso, a quantidade de comentários separados nas dezesseis categorias nos mostra o quanto a construção do conceito pode ser descrita com palavras distintas, mas com um sentido muito próximo. Nesse sentido, na tentativa de criar um *frame* de *fake news* com base nas definições dadas pelos cursistas, poderíamos definir como uma notícia que intencionalmente carrega informações de caráter falso, disseminada através da internet.

Acreditamos que o trabalho tenha cumprido o objetivo proposto, tal como afirma Marcuschi,

o essencial é que se tenha presente, sempre, os objetivos da investigação e que em todos os casos se ande bem calçado por uma teoria de base. O perigo maior não está propriamente na metodologia adotada e sim na falta de uma perspectiva teórica definida (MARCUSCHI 2001, p. 19).

Sendo assim, podemos dizer que o aparato teórico escolhido acerca da cognição e dos *frames* da Linguística Cognitiva e da cognição social dentro da psicologia foram pertinentes para sustentar nossa análise e compreender a maneira como os cursistas conceptualizam a expressão “*fake news*” construindo um *frame*.

## Referências

BARROS, Letícia Martins Monteiro de. *Notícias vs. Notícias falsas: a perspectiva da linguística cognitiva*. 2018. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói.

<sup>13</sup> Original no inglês: “Engaging with others in acts of cooperative communication with the goal of aligning perspectives leads young children to create perspectival cognitive representations. It also leads them to begin engaging in recursive and reflective inferences”.

BENTES, Anna Christina. *O texto além do texto*. In: Revista do Instituto Humanitas Unisinos. ed. 520, abr. de 2018. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7249-o-texto-alem-do-texto>. Acesso em: 06 jul 2020.

Dicionário Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/>. Acesso em 01 jul 2021.

Dicionário Merriam-Webster. *The Real Story of 'Fake News': The term seems to have emerged around the end of the 19th century*. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/the-real-story-of-fake-news>>. Acesso em 29 jun. 2021.

Dicionário Merriam-Webster. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/political-scandal-words/fake-news>. Acesso em 29 jun. 2021.

Dicionário Collins. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/fake-news>. Acesso em 29 jun. 2021.

FERRARI, Natália Luísa. *A conceptualização da corrupção no discurso político: construção referencial e mobilização de frames nos debates presidenciais brasileiros de 2014*. Tese de Doutorado em Linguística. IEL/Unicamp. Campinas/SP: 2018.

FILLMORE, Charles J. *Frame Semantics*. In: Linguistic in the Morning Calm, Linguistic Society of Korea (ed.). Seoul: Hanshin Publishing Company, 1982, p. 111-137.

FILLMORE, Charles J. *The need for a frame semantics within linguistics*. SMIL: Statistical Methods in Linguistics, Stockholm, v.12, p.5-29, 1976.

FrameNet Brasil. Disponível em: <http://webtool.framenetbr.ufjf.br/index.php/webtool/report/frame/main>. Acesso em 29 jun. 2020.

FURTADO, Paula Rodrigues. CRUZ, Rafaely Carolina da. *Cidadania Digital e Leitura Crítica: como analisar informações falsas*. Disponível em: <https://tecsaladeaula.com.br/>. Acesso em: 12 jun. 2021.

GABARDO, Patricia. QUEVEDO, Silvia. ULBRICHT, Vânia Ribas. *Estudo comparativo das plataformas de ensino aprendizagem*. Encontros Bibli, v. 10, p. 65-84, 2010.

GALLESE, Vittorio. LAKOFF, George. *The Brain's concepts: the role of the Sensorymotor system in conceptual knowledge*. Cognitive Neuropsychology, 2005.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça Koch. *Desvendando os segredos do texto*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. *Don't Think of an Elephant!: know your values and frame the debate*. Vermont: Chelsea Green Publishing, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Aspectos da questão metodológica na análise verbal: o continuum qualitativo-quantitativo*. Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso, Caracas, v. 01, n.1, p. 23-42, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola. 2008.

MORATO, Edwiges Maria. *A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar?* Cadernos de Letras da UFF, v. 41, p. 93-113, 2010.

MORATO, Edwiges Maria. *A cognição como objeto da linguística: perspectivas contemporâneas e desafios interdisciplinares*. Linguagem e Cognição. Sandra Cavalcante e Josiane Militão (Orgs.). Campinas: Mercado de Letras, 2019a.

MORATO, Edwiges Maria. *A construção textual das Fake News: falar à verdade equivale mentir?* In: 14º Abralim Em Cena: Fake News e Linguagem. Campinas, 2019b.

MORATO, Edwiges Maria. BENTES, Anna Christina. *Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência*. Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP), v. 55, p. 125-137, 2013.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Entrevista com Margarida Salomão. In: LEITE, J. E. R. e FALCONE, Karina. (orgs.) *Revista investigações*, vol. 23, nº2, p.193-203.

VEREZA, Solange Coelho. *Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da linguística cognitiva*. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 561-573, set./dez. 2016.

PARINTINS-LIMA, Rafahel J. *A construção textual e sociocognitiva do racismo nos (des)alinhamentos à hashtag #SomosTodosMacacos*. Tese de doutorado em Linguística. IEL/Unicamp. Campinas: 2019.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (original de 1999).

TOMASELLO. *Becoming Human: a theory of ontogeny*. Harvard University Press.

---

<sup>i</sup> Doutoranda em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem IEL – UNICAMP.

E-mail: cruz.rafaely@gmail.com

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3621490215559611>

ORCID: <http://0000-0002-4786-803X>